

ECOS DE CACIA

REDACTOR (Em Lisboa)

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Ovar, Eixo, Q. do Gato, Bonsucraso, Esqueiteira, Matadifços, Avanca, Estarreja, Coimbra e Angeja.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA	Proprietário-Director e Administrador	Redactor e Editor	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Ano, série de 50 números 20\$00	José Marques Damião	Antonio da Costa Pinto	Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO (CACIA)
Semestre, série de 25 números 10\$00	Filiado no SINDICATO NACIONAL DA IMPRENSA PORTUGUESA II	O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00			
Brazil e Colonias 30\$00			

ECONOMIA NACIONAL

Como o Estado podia enriquecer

se pensasse a sério na protecção á pesca e se se dispusesse a promover o desenvolvimento das indústrias do carvão e suas derivadas

A importação nacional é feita em várias classes de generos, artigos e productos de várias origens. A importancia total desta importação permite a solução da crise económica sem mais auxilios do Estado ás actuais actividades em decadencia. Na agricultura teriamos possibilidades, aqui e alem mar, de se obterem bastantes centenas de milho de contos, e a pecuária agricola completaria a missão económica do desenvolvimento da agricultura de acôrdo com o consumo normal.

Em trigo, legumes, batatas, arroz, azeites, gorduras, vegetais, óleos, fibras diversas, algodão, carnes, gados, etc, a nação alargaria a sua capacidade de mão de obra até ao limite da indispensável produção.

O Estado podia desenvolver e proteger a indústria pesqueira, a fim de se evitar o dispêndio anual de cerca de 130.000 contos em bacalhau.

O Estado organizaria um plano de lavra mineira de carvões dos três tipos importados, em antracites no Norte; em carvões de chama longa desde o Buçaco á Figueira; e daqui a Leiria—Feigueiró dos Vinhos; da quaí ao mar, e até Lisboa; em carvão do tipo Cardiff no Sul, nas imensas camadas da Ordem—Santa Suzana.

Os nossos carvões seriam lavrados e vendidos por preços relativos ás suas qualidades em face dos importados, em face dos importados, e em quantidade de cinzas, enxofre, matérias volatéis e calorias; cerca de 1.500.000 toneladas seriam arrastadas nas nossas linhas ferreas, mais de 15.000 operarios teriam trabalho, a economia nacional seria fortalecida com todas estas vantagens, e 152.000 contos em dinheiro circulando anualmente dentro das nossas fronteiras.

O Estado lucraria bem mais do que com as alfândegas, impostos diversos, etc.

Ninguém bem intencionado poderá amesquinhar a boa qualidade dos nossos carvões, ou diminuir o valor da riqueza carbonífera nacional, que não se tem explorado por fenómenos curiosos e discutíveis.

Com o inicio da indústria siderúrgica, o Estado criaria uma riqueza para a economia nacional de bastantes centenas de milho de contos, tanto pelo que é representado pela importação de ferros e aços macios, em bruto, simplesmente laminados, como pelo que é importado em variados instrumentos, máquinas e utensilios destinados a todas as actividades comerciais, de trans-

portes, industriais agricolas, mineiras, de portos, etc.

Uma nova série de indústrias surgiria a auxiliar a expansão económica com trabalhos e lucros compensadores.

As indústrias quimicas exigem tambem a mesma atenção, porque o país importa cerca de 120.000 contos de productos que se podem obter aqui sem dificuldade.

Os nossos petróleos estão abandonados, e em Canto de Azêche, e em Sismaria de Monte Redondo, existem os mais seguros indícios de uma região petrolífera de incalculável importância, das mais apreciadas que os técnicos de todo o mundo indicam como as melhores.

A política económica nacional seria fortalecida; os planos militares e politicos do occidente europeu seriam modificados com os nossos petróleos.

Não é uma centena de milho de contos; poderia ser a transformação completa da vida da Nação.

Ninguém pode desmentir a existência dos nossos petróleos e da sua excepcional presença nas melhores condições naturais.

A exploração da metalurgia do cobre, chumbo, zinco, prata, ouro e outros metais seria realizada na marcha da economia.

Uma série de indústrias diversas vinha engrossar as actividades, e, assim, o aperfeiçoamento das actuais teria tambem que ser realizado.

A medida que a Nação se aproximasse do equilibrio económico e que o Estado aumentasse os seus recursos monetários, faria a realização das obras secundárias, como a hidro-electricificação do Douro, do Tejo, etc., dos portos, das linhas ferreas, das auto-estradas, da ponte sobre o Tejo, e bem assim todas as outras que completariam uma mais íntima e rápida ligação das regiões e e decoração do país.

O Estado orientaria a conquista dos respectivos mercados, fechando as alfândegas com impostos incomportáveis e proibin-

do a importação á medida que atingisse o limite de produção, tomando o regime de contingentes quando houvesse que recorrer á importação.

A Bôlsa de Mercadorias teria a função de comprar e distribuir todos os productos, sem distincção de classes ou categorias.

Este organismo, simplificado ao máximo, seria apenas o regulador de todo o comércio em todo o país entre o produtor—Estado—e o consumidor.

E' compreendido que tudo isto se resume apenas á produção futura e aquela que, pela sua natureza, já está sendo controlada por este mesmo organismo.

O Estado podia levar a economia geral a mais de 2 milhões de contos, o bastante para se applicarem cerca de 200.000 operários e algumas dezenas de milho de pessoas de outras classes para a respectiva administração;

O exército seria descongestionado. Os funcionalismos público e municipal seriam diminuidos, e o Estado organizaria a liberdade do povo, a sua agremiação pública, de modo que as classes pobres tivessem ensino gratuito em todos os graus e para se aproveitarem todas as inteligências; as reformas, pensões, o futuro na velhice seriam garantidos e o País tomaria um aspecto de tranquilidade e bem-estar impossiveis de se obter tal como nos encontramos.

Seriam ponderados os mais pequenos detalhes da técnica, mão de obra, regiões, etc., para que não surgissem obstáculos á realização do plano de construção da economia nacional.

O povo veria assim o seu bem-estar sem ser preciso recorrer ao comunismo, em que há escravos do povo criados por ele mesmo.

Eis uma pílida luz do que pode ser o Portugal de amanhã, se nos resolvermos a fazer a necessária propaganda de um plano nestas condições, juridicamente estudado e aplicado com segurança.

Dentro da República, elevan-

“Viva a República!”

É um livro a sair no dia 5 de Outubro

Titulo vibrante de um livro que o nosso illustre amigo sr. Carlos Regueira Santos, jornalista do diario *Républica*, de Lisboa, põe á venda no proximo dia 5 de Outubro.

O «Viva a República» é um livro dum incansavel propagandista républicano que muito se preocupa com a evangelisação das doutrinas democraticas e pelas quais se tem batido galhardamente na imprensa e na tribuna.

Por isso, o novo livro do sr. Regueira Santos, vai ser mais um elemento de importancia para a boa propaganda da causa républicana em Portugal, sendo de esperar que a 1.ª edição seja nos primeiros dias de cada mês. E é tambem esse o nosso desejo.

Os Cães Ladram...

Alguem com intuitos reservados procura, quando os seus bons sentimentos se manifestam, chamar a atenção dos jornais de chalaça para algumas noticias que os nossos compositores mutilam.

Nós sabemos quem é o engraçado que, para não chorar, costuma escancarar a bôca doidamente ao lêr as *gralhas*, esquecendo-se do papel que desempenha na sociedade...

Tão vil é esse papel que nenhum homem de bem e inteligente será capaz de o desempenhar com tanta correção como aquele *descobridor* das asneiras alheias...

Os cães ladram... e a lua continúa a ser a hostia lá nas alturas...

Não se arranja por ali um óso?...

do-a, dignificando-a, nós podemos revolucionar os velhos costumes, engrandecendo a Pátria.

d'A Republica.

M. Ferreira da Costa.
Engenheiro civil.

As manhãs de Maio

Manhã de Maio, morna e silenciosa. O sol desce numa apotóse sobre a terra, brincando doidamente e espalhando sobre a terra os seus cabelos de ouro.

Os vergeis começam a florir, e nos bosques cantam os rouxinóis e outros passantes trinaam gargalhadas cristalinas.

Escolhi eu, uma destas manhãs deliciasas, para dar um passeio e presenciar toda essa Natureza misteriosa, donde mil e mil encantos nos sobressaem e nos deslumbram.

Atravessei os campos cultivados e não cultivados; pomares e pinheirais; aqui saltando uma vala, alem descendo a encosta, deparando-se sempre á minha vista, o lavradôr, esse homem rude do campo na sua faina diária.

Natureza! Natureza!

A que chamamos Natureza? Chamamos Natureza, a tudo que não é obra nossa.

A ave que voa; a flor, cujo perfume nos delicia; a rocha que se levanta a beira do mar, etc.

Tudo isto é Natureza.

Natureza, são portanto as coisas que nós não criamos por nossas mãos e que são dignas da nossa admiração.

Vemos a borboleta, vareja de flor em flor, sem precisar de auxilio estranho; ao passo que as pedras só se movem quando as impelimos.

As plantas crescem sem ternura e sem trabalho; alimentam-se do suco que lhes vem da terra húmida, dão flôr, depois o fruto, um dia mucham, e nós dizemos que morrem.

Semelhantermente acontece com osco.

Nascemos, crescemos nutrimo-nos e morremos.

Há porém uma diferença: nós podemos partir um tronco de uma arvore, uma fiôr, sem que elas acusem dôr; mostrando-se irresistiveis; mas se ferimos um animal, ele queixa-se e se possivel fôr, fogenos.

É porque o animal sente e move-se por sua vontade e as plantas só se movem quando assim o queremos.

Presá á terra pelas raizes que a sustentam, assim passam a vida se nós não as destruímos.

A terra transfigura-se em

A "PAGINA HUMORISTICA"

A sair no nosso numero de 24 do corrente, vai constituir mais um desenvolvimento do «Ecos de Cacia» e será uma agradável leitura que alguns humoristas proporcionarão a os nossos assinantes.

Desenhos dos distintos caricaturistas srs. Eduardo Pechôrro e Julio Costa (Julinho).

A gravação em madeira está a cargo do nosso sollicito colaborador e gravador sr. Artur Fernandes.

Chamando desde já toda atenção dos nossos leitores para esta pagina.

Toda a correspondencia para a PAGINA HUMORISTICA deve ser dirigida a Anibal Cruz—Bêco dos Clerigos, 1—Lisboa.

Aquela menina loira

Loira, esguia, fotogénica, por e alto, olhar sonhador, fada, e todos os adjectivos mais e todos os deméus predicados que são inerentes a toda a «Miss Cinéfila,» e-la a caminho do Chiado á hora ch'c, a essa hora do pedantismo inédito dos meninos e meninas que frequentam estes sítios de Lisboa.

A sua toilette não tem possível descrição de simples que é: um chapéu todo Oreta Carbo a dizer com o talhe das sobancelhas, uma blusa amarelo-canário estudada num dos ultimos filmes da Norma Shearer, a Rainha da Elegancia, um casaco azul, um azul-electrico tambem fotogénico, e que condizia absolutamente com o feitio da saia da mesma fazenda.

Era formada em Cinéfilia pela DOUTA FACULDADE DE SÃO LUIS-CINE. Foram seus professores os mais illustres criticos da chamada Sétima Arte e apresentara para defender tese a sua obra «RAMON NOVARRO NA INTIMIDADE,» obra discutidissima e tida por todas aquelas que nas próximas eleições americanas pensam eleger Ramon para o cargo de Alcaide-Mór de Hollywood, como a mais nobre e justa homenagem prestada ao Grande Astro.

Para ela o Cinema é TUDO; o Resto (se é que existe) é nada. Vai todas as semanas ao S. Luis, não falta a um programa do Tivoli, não pode deixar de ir ao Condes (seria uma indelicadesa para o Astro), prefere as soirées do Royal e vai ás matinées ao Central. Por isso mesmo, ou seja pela enormidade dos seus afazeres, viu-se obrigada a estabelecer um programa, onde, além das suas habituais idas aos Cinemas, ela marcava as perguntas e respostas a enviar ás Revistas da sua preferéncia.

Ora uma destas vezes, pisava ela com o seu passo elegante, cadenciado, que lhe levara dois dias a estudar ao espelho, o pequeno mas elegante Hall do Tivoli distribuindo sorrisos para a direita e para a esquerda, com leves

Maio, quando o ar é mais tépido, as manhãs mais doces e o arôma mais original.

O encanto destas manhãs de Maio, é o arôma das flores.

Talvez ainda não pensassem neste encanto nostálgico das flores que brotam da terra com as suas variegadas cores!...

Tudo isto é um encanto...

Vermelho, côr de sangue nas papoilas; branco, nas acúsenas religiosas; rôxo de dôr, nas mimosas violetas; e outras como as orquídeas enigmáticas, os cravos, os giraçóis, as madressilvas as alcachofras.

O que ai vai de coloração hipnótica, de deslumbramento e de extase por esse Mundo além.

Nenhum tema melhor do que este pode encontrar qualquer poeta.

As flores e as manhãs de Maio.

Costa Pinto.

meneios da cabeça, para toda aquela multidão de cinéfilos, dessas «avis raras» que abundam em Lisboa, que se distinguem da espécie humana por trazerem um bigode á John Gilbert, patilhas á qualquer coisa (de indefinidas que são), e alguns, mais timoratos, usam monóculo... para disfarçar.

Era uma quinta-feira, o dia do Tivoli, e, porque o era, lá se sujeitara ela, com uma enorme dôr de calos, a ir ver, pela vigéssima quinta vez nessa semana, o Charles Farrell. Não sei o nome do film, nem isso vem para o caso. Sei apenas que ela saíra de casa, que viera descalça até á rua do pé direito, por causa do calo (era o n.º 3), que chamara um taxi e que se apeara á porta do elegante cinema da capital entre aquela enorme e enojativa legião de admiradores.

Subiu a escadaria e foi, com toda a pressa que o calo lhe permitia, tomar o seu lugar no Balcão. Discretamente poisou sobre os joelhos a sua raposa castanha e, ainda mais discretamente, descalçou o seu sapatinho direito. Que terrível massada aquela dôr de calos... «Decedidamente este nosso País é um país de selvagens, um país onde se consertem dôres de calos. Uma barbaridade, como se diria em Espanha. Se fosse na América, nessa terra sublime onde se distribui civilização aos domicílios, ela exigiria uma indemnização ao sapateiro».

Entretanto os lugares foram-se enchendo e junto dela, á sua direita, sentou-se um rapaz alto, olhos pretos, cabelos da mesma côr. Vestia com simplicidade, sem excentricidades da moda, mas com uma certa elegancia e com um notavel bom gosto.

Ela olhou-o por momentos e, depois, desviou a cabeça, fixando de novo o olhar na plateia. Tinha-lhe achado uma certa semelhança com o Charles Farrell, mas achara-o taciturno, macabuzo, por assim dizer. Êle, ao contrário, dava graças ao Creador por lhe ter porporcionado aquela companhia.

Começou-se a ouvir a música e as lampadas que iluminavam a sala foram-se extinguindo a pouco e pouco. Viram o film natural com os seus discursos, as suas tragédias e os seus desportos; viram com um certo contentamento os desenhos animados e com imensa alegria a chegada do primeiro intervalo.

Todos anciavam pelo começo da fita que ali os levara. Ela estava impaciente e já conseguira esquecer-se do calo; êle, que a estivera mirando e remirando da porta, achava-a encantadora, tinha um não sei quê fora do vulgar que lhe dava uma certa graça, um certo encanto.

Finalmente, ouve-se o toque da campainha anunciando o fim do interminavel interva-

lo. Todos procuram o seu lugar. Apagam-se as luzes. Não se consegue ouvir nada, a não ser os estálos do aparelho. Começa a distinguir-se o som distante da orquestra. O silencio é solene, inquieta, arrepia. Que se irá passar além, naquele panno branco?

Ambos ali tinham ido para mais uma vez poderem admirar os seus preferidos, os donos dos seus sonhos côr de rosa, poisque ela já não gostava do Ramon—um ingrato que, além de lhe ter pedido um dollar por uma fotografia, lhe mandara ao fim de três meses com um autógrafo impresso. Uma desconsideração destas não se fazia a ela, que era a sua maior propagandista. Agora era Farrell o seu idolo, aquele a quem ela votara toda a sua afeição. Este não seria ingrato, não; saberia compreendê-la lá longe, muito longe, nessa cidade de belezas incalculaveis, nessa cidade de sonho e de amor onde só há pessoas felizes. Os seus olhos mostravam bem o fogo da paixão que o devorava depois daquela carta que ela lhe escrevera. Nem ja mostrava nos filmes o antigo entusiasmo pelos suas companheiras de trabalho.

Ele via em Jeannette Gaynor a maior revelação do cinema sonoro. Tinha por ela uma veneração, uma adoração, para melhor dizer.

Começaram a aparecer na tela as primeiras figuras e eles não tinham força para desviar a vista delas. A pouco e pouco foi-lhes crescendo o entusiasmo.

Assim se foi passando o tempo, até que chegou o intervalo que, logo de propósito, cortou a fita numa das partes mais interessantes. «Quemassada», disse ele enfadado «E' verdade, retorquiu ela, um aborrecimento. E' sempre assim Quando começamos a estar interessados com a fita vem este aborrecido intervalo interromper-nos» E a conversa continuou, como não podia deixar de ser, sobre cinema, sobre actores, sobre todos os assuntos respeitantes á Sétima Arte, não faltando até os comentários ácerca do porte e vida dos mais afamados principes do écran. Ela disse quanto ambientava o vir um dia a ser Estrela, e êle manifestou-lhe o desejo que tinha em vir um dia a pertencer a essa legião de Astros que causam assombro ao Mundo. Mas faltava-lhe figura, faltavam-lhe os predicados que êle, a pesar de homem, reconhecia em certos.

Ela discordou. Talvez não fosse suficientemente fotogénico para poder vencer logo de entrada, mas o triunfo não se faria esperar muito se êle conseguisse ser admitido num Studio. Que agora com o sonoro era mais difficil par causa da voz; mas essa difficuldade não podia existir para ele, porque a voz dêle era certamente fo-

nogénica, porque era suave, meiga, dôce e prestar-se-ia muito-bem para dizer, chegada a ocasião, I LOVE YOU LOVE YOU.

Já ia a palestra' nesta altura quando, de novo se fêz escuro. Ele achava-a mais uma vez encantadora, muito encantadora mesmo, mais encantadora ainda se é possível. Tinha «charme» (êle verdadeiramente não sabia bem o que isso era, mas compreendia perfeitamente o que devia ser). O que era certo, muito certo mesmo, é que já gostava dela. Que se importava êle com a Jeannette se ela nem sequer sabia se êle existia? Agora que conhecia uma mulher com uma alma tão requintadamente bella, para que necessitava ele de se conservar fiel para com aquela a quem ele jurara em sonhos fidelidade, mas que nunca vira em pessoa nem sequer lhe havia falado ainda?

E durante o tempo em que êle meditava nestes assuntos nem uma palavra se havia trocado entre ambos. Foi êle ainda quem interrompeu este silencio: «Diga-me uma coisa, acha a Severa um filme tão bom como por ai se diz?» «Tome atenção. Você não presta atenção nenhuma ao Charles e êle é bem digno de-la».

Esta resposta ainda que simples fez-lhe uma terrível confusão, e, instintivamente, começou a prestar atenção ao que se passava lá ao fundo da sala, no écran. As duas principais figuras da peça estavam agora em cena, sentados num banco de jardim, rodeados de flores, cantando um fox americano ao som do cavaquinho. Era a parte amorosa do film, e ele começou a vivê-la como se estivesse sonhando. Surreitadamente deixou passar a sua mão tratada, graças ao cuidado de uma sua prima, até á cadeira onde agora estava todo o seu coração e sentiu uma mão pequena e frágil a tremer meter-se entre as suas. Então perdeu a noção de tudo, do sitio onde se encontrava e até do que fazia. Sonhava, sonhava sempre que lhe ia succedendo a ele o que se ia passando no écran. E assim a sonhar foram continuando no seu enlevo. Ela tambem sonhava. Sonhava que se via entre os braços do seu Charles e por isso nem por sombras se incomodava com o que se passava com o seu vizinho do lado. Via nele o seu ideal ainda que fosse sua intenção conservar-se fiel ao juramento que prestara áquella grande figura mundial. Mas não era aquele rapaz extremamente parecido com êle? Não tinha ele tambem aquele aspecto que caracterizava o seu idolo? E (quem sabe?) talvez que fosse o proprio Charles em pessoa que ali estivesse. Do que não lhe podia restar dúvidas é de que êles eram muito, mas mesmo muito, parecidos. Depois era uma cara desconhecida, uma cara que ela nunca tinha visto, nem nos seus picadeiros do Chiado, nem pelas Avenidas Novas, nem pelas plateias dos

S. Paio da Torreira

É já costume velho e sedico, data já dos tempos dos nossos maiores, esta alegre romaria á linda praia da Torreira.

Torreira é uma praia ignorada, esquecida no meio das outras que marginam a linda costa de Portugal.

Faltam-lhe qualidades?

Falta-lhe beleza?

Quem ousa afirmar tal?

Falta-lhe sim uma Comissão de Iniciativa, mas uma comissão arrojada, que a torne conhecida e reparada aos visitantes, aos excursionistas.

Pois nesta linda praia faz-se todos os anos, leitor amigo, um arraial, uma espécie de orgia pagã, onde o povo se diverte e petisca na mais franca das alegrias.

São conversadas e conversados, gente moça onde o coração manda mais que a cabeça; são velhos e velhas, alquebrados já, que ali vão recordar os belos tempos da sua mocidade; é toda uma multidão de romeiros que vão e que voltam no anseio de lá tornar, para o ano se Deuses lhes der vida e saúde.

De festa religiosa a romaria tornou-se uma orgia paga, produzida pelo temor do seu para se aproximar dos prazeres da terra.

E ei-los hoje, como há um ano, a caminho para a festa do Padroeiro da vizinha praia, de cestos á cabeça, sacos ao ombro e o inseparavel garrafão de vinho, a alma da festa.

E estalamfoguetes, e erguem-se vivas, e soltam-se cantigas, e ha gritos e correrias.

E neste ambiente de paz e de alegria passa-se um dia dos mais agradaveis da nossa vida.

Cinemas. Parecia-lhe até que ele pronunciava mal o Português, que tinha uma accentuada pronuncia americana. Era certamente o seu Charles que acedera aos seus pedidos». E com estes e outros pensamentos semelhantes acabou por se entregar aos arrolamentos do seu desconhecido de há pouco.

Estava-se já na última parte do film, naquela parte em que o casamento é inevitavel e lógico para agrado do publico e dos actores. Era a ultima cena. Um beijo, um longo beijo ia pôr termo á comédia. Esta cena era, como sempre, imprescindivel, e o nosso casalinho de pombos, que lá em cima no Balcão ia repetindo todas as cenas na ânsia de chegar um dia a apresentalas também em público, ia já repetir esta cena quando êle, para melhor a poder interpetrar, se chegou um pouco mais para o lado da sua companheira.

«Incorreto, ingrato não vê que me pisou o calo!»?

E com esta se foi, deixando desapontado o nosso feliz D. JUAN.

Agosto de 1932.

Câncio Mendes.

NOTICIAS DA NOSSA TERRA



NASCIMENTO

No preterito dia 31 de Agosto teve o seu bom sucesso a sr.^a Luz Nunes Quinta esposa do nosso mui presado amigo e assinante sr. Manuel Gonçalves Junior.

Mãe e filho encontram-se, felizmente bem.

Para o feliz casal vão os nossos melhores votos de felicidade.

NO «ECOS DE CACIA»

Deram-nos a honra da sua visita os nossos bons amigos e assinantes srs. Manuel Nogueira Simões, Antonio Ferreira Santiago, Artur Rodrigues da Silva, João Fernandes da Silva, Antonio da Cunha Ferreira, Manuel Marques Ferreira, e Antonio da Costa Durão.

RETIRADAS

Com destino á linda praia da Torreira, retirou-se no dia 6 do corrente mês, o nosso assinante e amigo sr. José Vieira Ferreira, que se fez acompanhar de sua dedicada esposa.

Para eles vão os nossos cumprimentos.

Com destino ao Entroncamento, retirou-se há dias de Cacia, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso amigo e conterraneo sr. Antonio Simões de Pinho.

Boa viagem.

ANOS

Completo no dia 22 do p. p. mês, mais uma primavera o nosso amigo sr. Antonio Augusto Cardote.

Para o aniversariante, vão as nossas melhores felicitações.

Completa 16 risonhas primaveras no dia 19 do corrente mês, a menina Maria Nogueira da Silva Felix, filha do grande industrial de Panificação no Entroncamento e na Golegã, sr. Manuel Pereira Felix.

Para a aniversariante, vão as nossas mais veementes felicitações. Desejando que esta data seja contada por muitos anos.

DOENTE

Encontra-se retido no leito, com uma gravissima doença o nosso amigo sr. Albino Pereira Felix.

Fazemos vótos pelas suas rapidas melhoras.

Câncio José R. Mendes

Em goso de férias, encontra-se em Cacia, vindo de Coimbra, onde estava, o nosso particular amigo sr. Câncio José Rodrigues Mendes, filho do grande proprietario e nosso conterraneo sr. Manuel Rodrigues Mendes.

O «Ecos de Cacia» apresenta as suas telecitações ao seu hospede.

Manuel R. Vieira

Vindo do Pará, está na companhia de sua esposa e mais familia, há já umas 3 semanas, o nosso conterraneo e assinante sr. Manuel Rodrigues Vieira.

Para este nosso amigo vão as nossas boas vindas.

ESTADAS

Estiveram em Cacia a passar as festas de S. Bartolomeu na companhia de suas familias os nossos bons amigos e assinantes srs. Artur Rodrigues da Silva, José Dias Pereira, Manuel Fernandes Matos, Joaquim, Antonio e João Soares de Azevedo, Manuel Nogueira Simões, sua esposa D. Mabilia da Cruz Simões, Manuel Simões André, Manuel Lourenço, sua esposa e filhinhos, Antonio Rodrigues Cirne.

Vindo de Coimbra, onde e industrial de Panificação esteve aqui no domingo p. p. visitando todos os seus, o nosso assinante sr. Antonio Rodrigues Lorneço, que, junto com outro foi até á linda e encantadora Páteira da Samoqueira para assim apanharem uma caldeirada, a qual lhe sorrio pois que foram felizes, sendo a mesma cosinhada em casa; nós, pelo que nos diz respeito, agradecemos muito penhoradamente o convite do nosso bom amigo sr. Antonio Lourenço.

Vindo da Torreira, já está na Quintã o nosso assinante sr. José Nogueira Simões, o qual está quasi restabelecido da doença que ultimamente o tem apoquentado.

Os nossos cumprimentos para com o nosso amigo.

Vindo de Lisboa, onde esteve 8 dias, já está na Quintã a sógra do nosso Diretor, sr.^a Rosa Rodrigues da Silva, mãe dos nossos bons amigos e assinantes srs. Julio Rodrigues Couto, e João Rodrigues Couto, ausentes em Campinas há muitos anos.

As nossas boas vindas.

Vindo do Entroncamento encontra-se na Quintã o nosso amigo e assinante sr. Manuel Pereira Felix, sua esposa, e filha.

Os nossos cumprimentos. Vindos de Setúbal, onde estão empregados na Panificação, estão por 30 dias em Madaúços, os nossos assinantes srs. João Fernandes da Silva, Antonio da Cunha Ferreira, e Manuel Marques Ferreira.

D aqui lhes apresentamos as nossas boas vindas.

Vindo da Figueira da Fóz, encontra-se em Cacia na companhia de sua familia, o nosso presado amigo e assinante sr. David Euzebio Pereira.

Cumprimentamo-lo.

Dr. Armando Rodrigues Simões

Vindo da Praia da Torreira, para onde foi em goso de férias como dissemos, regressou á sua casa de Cacia este distinto aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Sinceramente lhe desejamos as nossas boas vindas.

JOSÉ RODRIGUES NETA

Encontra-se no Cabeco, vindo de Lisboa, onde é empregado de Panificação este nosso amigo e assinante sr. José Rodrigues Neta.

Este nosso conterraneo, tenciona demorar-se entre nós uns dois mēzes.

Aqui apresentamos as boas vindas ao nosso amigo.

O ECOS em Taboeira

As colheitas dos milhos temporões estão quasi feitas, sendo a produção inferior á do ano transato.

Os vinhedos encontram-se regulares, mas tambem se calcula menos produção.

—Por ordem da Ex.^{ma} Camara já principiaram na reparação da Rua Direita, que segundo nos consta terá continuação para o proximo ano; na Rua Conde de Taboeira.

Oxalá que assim seja, porque está de bastante precisão.

—Já se encontra na sua quinta a Ex.^{ma} Sr.^a Condessa de Taboeira.

—Tambem se encontra aqui em casa o Sr. João Nunes Crespo.

Vindo de Melgaço, o Sr. Joaquim Alves e sua esposa, que pela primeira vez, veio a este lugar; dentro em breve retira para a Capital, onde é importante industrial de Panificação.

Desde já desejamos muitas prosperidades, e boa viagem ao nosso particular amigo e visitante.

—Já se encontra melhor da sua doença o nosso bom amigo sr. Antonio Ribeiro da Silva.

Folgamos muito com as suas melhoras.

A. Tailor.

Cá por casa

FALECIMENTOS

No passado dia 31 faleceu em Sarrazola o sr. Manuel Tavares, de 88 anos, pai dos nossos amigos srs. João Tavares e José Tavares, e, tio do nosso particular amigo sr. Antonio Tavares.

No dia 1 realizou-se o funeral, para o cemitério desta freguezia, conduzindo a chave do caixão o sr. Adriano Sequeira Tavares (sobrinho do extinto) e as salvas os srs. José Maria Tavares Junior e Albino e Azevedo.

Os nossos pezames. —Tambem faleceu no dia 1 e enterrou-se no dia 2 a sr.^a Palmira Gomes, de 40 anos.

Igualmente faleceu no dia 6 a filhinha mais nova do nosso amigo sr. José Euzebio, a qual ingeriu uma porção de veneno das formigas, sendo inuteis todos os esforços empregados pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Tomaz d'Aquino para a poder salvar, vindo esta a falecer pouco depois, d'aquela clinico retirar.

Aos pais da criança enviamos os nossos pezames.

Teve há dias o seu feliz sucesso, dando á luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.^a Maria de Jesus esposa do nosso amigo sr. Joaquim Oliveira.

Aos pais do neófito, enviamos desde já os nossos parabens.

Zé d'Aldeia.

Antonio Joaquim da Fonseca

Está em Avanca, no goso de férias, e na companhia de sua familia, este nosso querido amigo.

No domingo p. p. quando ali nos encontravamos, tivemos o prazer de cumprimentar este dedicado Avancanense, que foi para nós d'uma gentileza digna de registro.

Para este nosso amigo, vão os nossos vótos de muitas prosperidades.

ANUNCIAI NO «ECOS»



POSTO RADIO CACIA



No Mexico

O Presidente da República pediu a demissão

EM VIRTUDE DA OPOSIÇÃO TENAZ QUE LHE É FEITA

MEXICO, 3.—O presidente da República, sr. Ortiz Rubio, decidiu pedir a demissão do seu cargo, anunciando-se que será substituído na presidência pelo general Abelardo Rodrigues, ex-governador da Baixa California.

Um amigo intimo do sr. Ortiz Rubio disse a um redactor da United Press que presidente demissionario abandonará o seu lugar logo que tenha todos os assuntos officiais devidos regularizados.

O sr. Ortiz Rubio tomou a decisão da República, após uma sessão verdadeiramente dramática que teve com os membros do govêrno e durante a qual, segundo se diz, elle declarou que se sentia sem forças para prosseguir no mandato, em virtude da opposição que lhe era movida.—(United Press.)

Demitiu-se o governo mexicano

MEXICO, 3.—Ao saber que o presidente Rubio tencionava pedir ao Congresso licença para ir aos Estados Unidos tratar da sua saude, o ministério pediu a demissão. —(H.)

Dr Cristiano Rodrigues Nina

Retirou há dias para Lisboa, onde é distincto clinico, este nosso presado conterraneo. S. Ex.^a, que esteve entre nós poucos dias em goso de férias, espera voltar dentro em pouco.

Para ele vão as nossas melhores felicitações.

Narciso Mota

Encontra-se —como é de costume de todos os anos— em Cacia, vindo de V. N. de Gaia, e acompanhado de sua esposa e filhos, a passar a época calmosa n'esta encantadora região, o sr. Narciso Mota, visita esta que já faz há 24 anos.

O «Ecos de Cacia», apresenta ao nosso hospede e assinante, as suas boas vindas.

JOÃO SOARES DE AZEVEDO

Tivemos o prazer de cumprimentar há dias em Cacia o nosso velho conterraneo e amigo do

Pena de Morte

Foi electrocutado, em Massachusetts, um português, o cabo-verdeano Silvestre Fernandes.

A dureza das leis não impede o seu cumprimento. E Silvestre Fernandes, português, tinha que se subordinar á lei do país onde o acaso o levou a viver.

O crime por que o condemnaram era grave: morte com premeditação, para roubar. E o tribunal condenou Silvestre Fernandes a morrer.

Era um português de nascença. Mas não o era, parece, por educação. O português agora executado fôra criança para a America, onde formou a sua sensibilidade—uma sensibilidade que não era portuguesa.

Sirva isso, ao menos, de lenitivo aos nossos brios.

FOI COMUTADA A PENA DE MORTE AOS CINCO HITLERIANOS CONDENADOS

BERLIM, 2.—O govêrno da Prússia comutou em prisão perpétua a pena de morte aos 5 «nazis» recentemente condenados pelo tribunal de Beuthen.—(UNITED PRESS.)

Um abalo de Terra

BUENOS AIRES, 7.—Nas imediações de Mendoza sentiu-se um tremor de terra. Dalguns vulcões dos Andes saem fumarada e labaredas. Teme-se uma erupção violenta.—(A.)

«Ecos de Cacia» sr. João Soares de Azevedo, máno dos nossos assinantes srs. Antonio e Joaquim Soares de Azevedo, todos empregados de Panificação em Lisboa.

Maria Emilia (Pascoa)

Segundo as informações que nos chegam de Lisboa, encontra-se ali muito doente a sr.^a Maria Emilia «Pascoa», prima do nosso Director, e esposa do nosso assinante sr. João da Cruz, que todos os anos tem visitado as suas familias, nos 30 dias que desde há anos vem estar n'este lindo torrão.

Á doente aqui lhe desejamos as suas rapidas melhoras.

Gratias

Além de outras, appareceu no nosso último numero esta, que chega até a têr uma certa graça, tál é a vontade que temos de viver, se os nossos algôses nos deixarem.

A data da saída do nosso Jornal dizia 3 de Agosto quando devia trazer 3 de Setembro.

Que os nossos leitores nos desculpem.

Agencia Funeraria

DE
Antônio Marques da Cunha



Tem sempre no seu depósito de Cacia UMA GRANDE VARIED. DE URNAS EM MOGNO E CASTANHO VELHO. CHUMBO para soldaduras que executa com toda a rapidez e perfeição.

CAIXÕES DOS MAIS MODESTOS AOS DE MAIOR LUXO ALUGA salvas, toalhas, cera, castiçais e COROAS para todos os preços e vende novas.

Rua Conselheiro Nunes da Silva, CACIA

Manuel Correia Vidinha

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e seda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Fraça da Republica (em frente ao chafariz—Aveiro)

FARMACIA LUSITANA

DE
ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES NACIONAIS
ESTRANGEIRAS
R. Conselheiro Nunes da Silva

PRODUCTOS QUÍMICOS
FARMACEUTICOS
CACIA

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento
LARGO DA ESTAÇÃO AVEIRO

Corôas e urnas funerárias

Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de

URNAS do aistricto.

Só vende BARATO
a Casa Leitão
de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, modas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Fabrica de Lactinios de Avanca, L. da

Maquina de Gelo e Camara Frigorifica. Fornecedor de gelo a \$50 centavos o quillo; leite e manteigas, fabricadas pelos processos mais modernos.

Comprim-se natas de Leite pelo preço mais alto do mercado

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, que em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:
Farmacia Lusitana
CACIA

Garage do Americano

—DE—
José Maria Pereira

Gafanha da Nazaré (Frente á Igreja) — Aveiro



Vende e aluga bicicletas e seus accesórios de todas as marcas.

Reparações garantidas.
Preços modicos com rapidez e segurança.

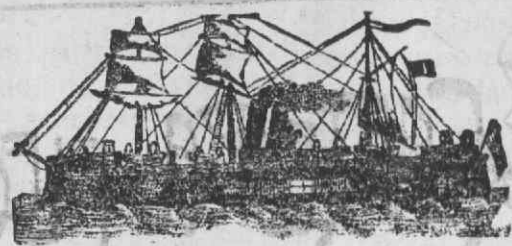
Fazem-se todos os concertos em relógios e grafonólas, garantindo-se o seu bom funcionamento.

V ê r
P a r a
C r ê r

Soalho, Fôrro e Cabeço aparelhado sempre em depósito.
Madeiras de Construção, Bombas para Marinhas e Tinoes para possos.
Tiram-se Orçamentos gratis, encarega-se de qualquer especie de Carpintarias.

—DE—
ANTÔNIO SOARES DA SILVA
Mataduços—Aveiro

AGENCIA COSTA



Praça - Estarreja

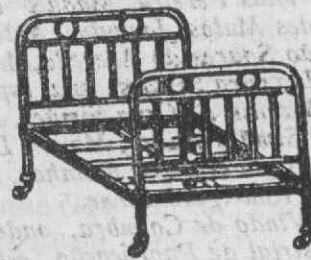
Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.
Prontidão, Seriedade e Economia

A «Construtora» de Móveis de Ferro de Avanca

— DE —

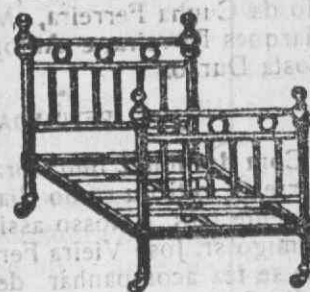
João António S. Borges



Grande produção de móveis de ferro

Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solido e perfeito.
Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico
Consultem preços.



A ZULEJOS

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de monumentos, assuntos históricos, paisagens, gens, fotografias, etc.

FABRICA FONTE NOVA

— DA —
— DE —
Manuel Pedro da Conceição, Filhos
(Firma registada) PORTUGAL

AVEIRO
Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922
(Casa Fundada em 1882)

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão, Lda.

Escritório e Fábrica: Rua da Pastelaria, 240 (Lordelo do Ouro) — Porto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte «Apollo»
O melhor que se fabrica no País
ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVAIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.

Officina de Carpintaria Mecânica